

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA mocidade Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1\$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs

NUMERO 106

Assigna-se e vende-se na Travessa de S. João n.º 10.
 Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.
 Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte. á redacção do FUTURO, Travessa de S. João n.º 10.
 Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

3.º ANNO

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

NOTICIA IMPORTANTISSIMA

Estamos auctorizados por pessoa competente, para dizer que se achou ajustado o casamento de S. A. Real a Senhora D. Maria Theozza de Bragança, segunda irmã do Senhor D. Miguel de Bragança com S. A. Imperial o Archiduque Carlos Luiz, irmão do Imperador d'Austria.

BRAGA 25 DE MARÇO DE 1873

Protestamos!

Já se ouve em nossa patria, o grito do impio, blasphemando contra Deus, contra a religião!
 Já se ouve no meio de nós a gargalhada do libertino, escarnecendo dos dogmas da revelação!
 Já se ouve o incredulo bradando, bem alto, no campo da imprensa — guerra contra Jesus Christo, guerra contra a Igreja Catholica!
 Já se ouve o homem descrente cantar, ufano, seus triumphos sobre as ruínas da moral publica!

É nós não desataremos a lingua para protestarmos contra as blasphemias da impiedade?
 É nós não desprenderemos os labios em pró da religião offendida, das crenças de nossos paes ultrajadas?
 É nós não levantaremos a voz clamando: *anathema* contra a incredulidade?
 Sim, porque somos herdeiros das crenças de nossos paes, das tradições de nossos maiores.
 Sim, porque temos na consciencia os motivos que justificam a necessidade da religião que professamos.
 Sim, porque só o Christianismo é a explicação unica como a satisfação completa das necessidades do homem.
 Sim, porque só a religião que defendemos é a base da ordem, a razão do progresso, a causa da felicidade, o principio e o fim da humanidade.

Homens sem fé tentam arrancar dos braços da Igreja Catholica a mocidade inexperienced e sem educação religiosa, as classes pobres, ignorantes e avidas de bem estar, por meio de doutrinas falsas e prejudiciaes ao individuo, á familia e a sociedade.
 Cuspindo na face dos ministro dos santuario baldões e affrontas, atando ao pelourinho do ridiculo as pessoas piedosas, rindo-se das ceremonias augustas da magestade do culto catholico, negando os mysterios, encarnecendo os dogmas, desprezando os sacramentos, caminham, unicamente, sustentados por seus proprios vicios e desvarios d'intelligencia, á desmoralisação, ao crime e á impiedade.
 Mas em vão se esforçam por quebrar a pedra mysteriosa aonde Deus escrevera com seu dedo estas palavras — *porta inferi non pravalebunt adversus eam*.
 Debalde trabalham por apagar do pedestal de gloria a obra dos seculos.
 Inuteis são todas as tentativas para razeir as fileiras dos crentes, oppondo a illusão dos sentidos á verdade, o encanto dos prazeres e as seduções da carne á moral.

Nunca conseguireis destruir um principio identificado com a natureza humana e d'harmonia com as suas mais sublimes tendencias e mais elevadas aspirações.
 Nunca podereis tocar n'uma instituição que tem em seu abono a homenagem de tantos seculos, o preto e vassalagem de tantas gerações.
 Nunca alcançareis riscar uma só letra, uma só syllaba desse código divino, ao qual respeitaram a lima do tempo, o golpe do erro, a foice da morte.
 Nunca chegareis a desmorronar esse edificio cujos alicerces estão nas promessas divinas e cuja cupula magestosa se esconde por entre as nuvens e toca no céo.
 Que importa, accendais o fogo da perseguição, ventileis o thuribulo da idolatria, manegeis o ferro sacrificador?
 Que importa enchais a trasbordar a

taça dos prazeres, assoalheis de flores os caminhos asperos da vida, semeais gozos e prazeres aonde o homem tropeça a cada passo na morte e lhe parece escorregar e cair na eternidade?

Que importa aduleis a nossa lisonja, favoreças nossas paixões, abraes largo curso a nossas ambições e diante de nossos olhos faças brilhar o ouro com todo o encanto de suas formas, com toda a utilidade de suas applicações?
 Que importa nas faças promessas lisonjeiras, nos mostreis lagueiras esperanças, nos promettaes posições brilhantes? Não sacrificaremos, jámais, ao idolo de perversas doutrinas.

Não incensaremos, nunca, ante a estatua d'interesses, exclusivamente, materiaes e d'ambições, excessivamente desmedidas.
 Não ajoelharemos, nunca, ante o despotismo e a usurpação coroadas por maior que seja o esplendor da realeza, por mais severa que seja a ameaça do castigo, por mais seductoras que sejam as promessas da lisonja.

Não alcatifaremos o chão, nem flores lançaremos na sua passagem, quando por diante de nós rodar o carro da revolução, porque são homedecidos em sangue humano os louros que o adornam, são victimas humanas as palmas que o cortejam.

Para nós a religião Catholica Apostolica Romana é a verdadeira e unica religião.

Para nós a religião natural é incompleta como são insufficientes as luzes da razão.
 Para nós o Christianismo não póde existir sem o Catholicismo, porque é um só o seu auctor que é Jesus Christo.

Para nós a Theologia e a Philosophia, a razão e a fé, a natureza e a revelação, não se oppoem, nem se repugnam, porque ambas vieram da Divindade e tem a mesma origem.

Somos catholicos, porque uma religião que não é universal não é divina.

Somos apostolicos, porque uma religião que não data do tempo dos apostolos não é christã.

Somos romanos, porque uma religião que não tem um chefe, qual e como designa seu fundador, não é perfeita, porém semelhante a um corpo sem cabeça.

Protestamos pois, contra todas as doutrinas que não forem approvadas pela Igreja.

Protestamos contra todas as calumnias e accusações contra o Vigario de Christo, o Successor de S. Pedro, o Chefe da Igreja Catholica, o Pontifice Romano, o immortal Pio IX.

Protestamos contra a imprensa irreligiosa de todo o mundo, especialmente do nosso paiz.

Protestamos contra as doutrinas erroneas, contra os principios subversivos da ordem religiosa e social, contra todas as blasphemias publicadas pelos jornaes anticatholicos do nosso reiaõ como o «Jornal do Commercio», de Lisboa, o «Diario da Tarde», do Porto etc. etc.

Protestamos contra o silencio dos catholicos e das auctoridades ecclesiasticas que deviam gritar contra tantas impiedades, fulminar tantas heresias.

Juramos que nunca estivemos, nem jámais estaremos nas idéas de tão infames jornaes.

Juramos que por nosso lado ou por nossos meios jámais havemos concorrido para a sustentação de tão nojentos pasquins.
 Somos Catholicos Apostolicos Romanos.

O suicidio.

Qual sepulchro branqueado, lindo por fóra mas por dentro cheio de vermes e podridão, a sociedade d'hoje veste louções vestidos por cima da putrida mortalha d'um materialismo sem equal.

Herdeira da sociedade que se tinha amortalhado em suas proprias doutrinas e vicios, a sociedade actual quer ir no couce d'esse prestíto fúebre ande ha só a lamentar victimas, desolação e morte.

Gangrenada até ás entranhas por uma idolatria disfarçada e sem nome; ulcerada pelo cancro d'uma incredulidade altiva e orgulhosa; devorada pelo lume de tantas desgraças que tiveram sua origem no seculo passado, a sociedade d'hoje tem santificado os vicios, divinizado as paixões e

levado á apothose os delirios d'uma razão desvaivada.

O suicidio, eis aqui, um fructo amargo, mas genuino da arvore das más doutrinas.

Infeliz da sociedade se não corta pela raiz esta arvore secular!

Desgraçados de nós se o esquecimento de nossa origem e o desprezo do nosso fim se propagarem por todas as camadas sociais e com a velocidade do raio!

Chamam ao suicida o homem de honra, o homem forte, porque despedaçou a ideia, que o turturava, no poste da morte, porque anniquillára o pesar que sentia na cessação da vida, — porque mostrára que tinha em pouca conta a existencia para acabar com ella em satisfação d'um capricho, ou paixão alheia.

E, no entanto quem é o suicida? um desgraçado a quem o infortunio queimára o coração, e a fé não póde entornar-lhe o seu balsamo precioso; um infeliz que arma o braço de duro ferro e rasga o peito, aonde Deus tantas vezes fizera ouvir sua voz nas horas de silencio, aonde Deus tantas vezes se sentára a confortal-o em horas d'afflicção e agonia!

Por isso a religião, trajando negro crepe, ao passar por sobre a lousa sepulchral, aonde está gravado esse mentiroso epitaphio — *aquí jaz* — acrescenta um *suicida*, e estas letras jámais as poderão carcomir a a lima do tempo, jámais as poderá apagar as lagrimas d'uma desventurada familia!

O suicida é o homem que não quer soletar em seu coração o nome da Divindade, que não quer sentir a ancia do infinito, a sede da felicidade.

O suicida é o homem que não quer escutar o ranger dos gonzos da porta da eternidade; que não deixou escoar na ampulheta da vida a ultima areia que devia cair devagar e sem rumor.

O suicida é o homem que se revolta contra o auctor da vida, gravando em sua alma com letras de sangue o estigma affrontoso da rebellião, o ferrete ignominioso da culpa.

O suicida é o homem que extravasa o sangue, primeiro que o Creator o mande refluir ao coração.

O suicida é esse monstro d'ingratitude que se esquece do quanto custára a um Deus o preço d'uma vida para arrancar na ponta d'um punhal.

Não digaes que o suicida não pensou no crime que ia perpetrar; dizei antes que o temor de Deus não estava em sua intelligencia, nem o remorso em sua consciencia.

Senão respondi-me: quem disse ao pobre vestido d'andrajos, coberto de miseria, unico patrimonio, unica herança que seus paes lhe legaram, que as lagrimas, embora fossem o pão de cada dia, eram o aguaceiro dos vendavaes que passam e deixam ver em seus vidrados globos, um mundo infinito aonde a felicidade é sem mistura e sem termo?

Quem disse ao crente amargurado pelos cuidados da vida, alanceado pelas afflicções do mundo que apoz as lagrimas vem a alegria, e que a desesperação, tres vezes amaldiçoada por Deus, pela natureza e pela razão, jámais se hospedaria em seu seio? Foi a fé em Deus que elle jámais perdera, ainda quando o vento das más doutrinas soprava rijamente e ameaçava dobral-o; foi a fé na immortalidade da alma de que jámais duvidára ainda quando o materialista lhe dizia com o escapelo na mão que o homem acaba todo em tudo na vala do cemiterio; foi a fé na justiça infinita que na eternidade se traduz por Céu e Inferno, e que elle jámais esquecera, ainda quando o mundo lhe gritava no meio de prazeres — *coronemus nos rosas antequam marcescant*.

Retirae da intelligencia a fé, da alma a esperanza, do coração a caridade e tereis a causa, a explicação do suicidio.

Vinde ó philosophos, illuminados pelo sol do raciocinio, dar-nos a razão porque se resigna o pobre, ao qual não é dado sequer apanhar as migalhas caídas dos banquetes para matar a fome, e não se resigna, mas antes ergue o ferro contra si mesmo, o homem a quem não faltam honras, não escaceam lisonjas, não diminuem prazeres?

Porque o primeiro não deixou arrastar pela corrente da impiedade, nem tom-

bar em chão d'abrolhos e espinhos, as crenças religiosas com que a mãe o embalara, lhe imprimira nos labios com ardentes osculos, lhe gravára no coração com estreitos amplexos; o segundo deitou-se no leito dos prazeres e acordou no carcere medonho da descrença e impiedade.

Curemos, pois, esta claga profunda das sociedades modernas, esta ulcera asquerosa da geração prezente e curemol-a não com outro cauterio senão o da fé, não com outro balsamo senão o da esperanza e caridade.

Faça-se comprehender bem ao homem que elle não é senhor, mas usufructuario da vida; e que o seu verdadeiro dono lhe hade pedir rigorosas contas da sua administração e o homem sentirá em si um pezo capaz de contrabalançar os mais arraigados prejuizos, os mais exquisitos caprichos, as mais fortes paixões.

Um grito verdadeiro e energico mas sem eco em favor das freiras.

Ha sete lustros que o camartelo da impiedade, desmorrando o mosteiro aonde o levita do santuario louvava o Creator e orava pela creatura, ameaça fazer pedaços as portas do convento aonde se abrigam as virgens que se furtam ás seduções do mundo.

É tão repugnante a sorte á qual pretendem votar as virgens consagradas ao Senhor que um insuspeito liberal, ao mesmo tempo que uma das mais aparadas penas das nossas letras patrias, levantou com toda a força de que é capaz, um grito eloquente em favor do sexo fragil que, longe de ser nocivo, antes accumula por seus rogos ao Eterno, as misericordias de Deus sobre esta sociedade degenerada, retardando assim, o braço irado do Senhor.

Este homem é o sr. Alexandre Herculano, e este grito deixou-o escapar em uma carta, ha vinte annos publicada pelo jornal «O Portuguez».

Lemol-a no excellento jornal a «Nação» e não podemos deixar de a não transcrever fazendo applicação d'ella ao caso prezente.

Não encontrou ecco, nem o encontrará jámais porque os homens d'hoje são os homens d'então; para elles não ha senão esbanjamentos e desmoralisação. Edifica-se tudo menos o que é necessario para o esplendor do culto catholico e para o bem da sociedade.

Protege-se tudo menos o que fór honestidade, virtude, porque isto cheira a mysticismo.

Compadece-se de tudo menos da miseria filha d'um emmerecido soffrimento e supportada com evangelica resignação porque isto de nada serve para os titulos da philantropia.

Com justa razão se queixa o sr. Alexandre Herculano.

Que diria o illustre escriptor se hoje fallasse á vista do que estamos prezencendo?

Ouçamos o que elle diz em sua carta e abstenhamo-nos de comentarios.

Men amigo — Escrevo-lhe do fundo do estreito valle de Lorrão, defronte do mosteiro onde repousam as filhas de Sancho I; d'este mosteiro melancholico com as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados: escrevo-lhe com o coração apertado de dó e repassado de indignação. Descendo a examinar o archivo das pobres cistercienses, penetrei no claustro por ordem da auctoridade ecclesiastica. Lá dentro n'esses corredores humidos e sombrios vi passar ao pé de mim muitos vultos, cujas faces eram pallidas, cujos cabellos eram brancos. Esses cabellos nem todos os distinguíu o decurso dos annos: a amargura embranqueceu os mais d'elles. Quasi todas essas faces tem-nas empallidecido a fome. Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas n'uma tumba de pedra e ferro. Estas mulheres ouvem de lá, do seu tumulo, o ruido do burgo apinhado na encosta fronteira, e dividido do mosteiro apenas por um riacho. Naquellas casas de telha-vã, negras, gretadas, desaprumadas, com o aspecto miseravel da maior parte das aldeias da Beira, vive uma população laboriosa, que até certo ponto se póde chamar abastada, e a que pelo menos, não falta o pão nem a alegria. No mosteiro sumptuoso, vasto, alvejante, com um as-

pecto exterior até certo ponto opulento, é que não ha pão, mas só lagrimas. Lorrão é peor do que um carneiro onde se houvessem mettido vinte esquifes de catalepticos, sellando-se para sempre a lagueira da entrada. O cataleptico, fechado no seu caixão, ouve, sente, tem a consciencia de que foi sepultado vivo. Nas trevas e na immobilitade, o terror e a desesperação, a falta de ar matam-n'o em breve: a sua agonia é tremenda mas não é longa. Aqui é outra cousa: aqui vê-se, por entre as grades de ferro, a luz do céo, a arvore que dá os fructos, a seara que dá o pão, e tudo isto vê-se para se ter mais fome. Todos os dias uma esperanza duvidosa e fugitiva atravessa aquellas grades de involta com os primeiros raios do sol: todos os dias essa esperanza fica sumida debaixo das trevas que á tarde se precipitam sobre Lorrão das ladeiras do poente. Depois as noites de insomnia; depois o choro; depois, sabe Deus, se a blasphemia!

Dez vezes que tenhamos lido o Dante, ao chegarmos á descripção da torre de Ugolino erriçam-se-nos sempre os cabellos. Mas Lorrão é uma torre de Ugolino. A differença está em que no carcere da *Divina Comedia* havia um homem forte de alma e de corpo affeito á dor e ás penas de dor; aqui ha dezoito ou vinte mulheres na idade decadente que se affizeram na juventude aos commodos, aos regalos, e até ao luxo compativel com as condições da vida monastica. Lá o *fiero pasto* acabava, e depois morria-se rapido. Aqui não: aqui ha justamente quanto basta para prolongar por mezes e por annos o martyrio. Dir-se-lhia que existe uma providencia infernal para que não falte ás freiras de Lorrão o restrictamente indispensavel, para lento e lento se lhes irem os membros mirrando n'um longo expirar debeis e senis.

Imagine, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo d'esta especie de poço perdido no meio da turba de montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres idosas metidas entre quatro paredes humidas e regelladas, sem agasalho, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o prezente e anteendo o futuro. Imagine o vento que ruga, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças, que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrimas silenciosas dos pobres cistercienses; e as horas eternas que batem na torre. Imagine tudo isto, e sentirá acender-se-lhe no animo uma indignação reconcentrada e inflexivel.

Ha poucos dias passou-se em Lorrão uma scena tremenda. N'um accesso de desesperação, parte d'estes desgraçados queriam tumultuariamente romper a clausura: queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito contel-as: tinha-se apoderado d'ellas uma grande ambição: aspiravam á felicidade do mendigo, que póde appellar para a compaixão humana; que póde fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca, e os muros de Lorrão demasiado espessos. Gemidos, brados, prantos tudo é devorado por este tumulo de vivos. Ao menos surgiam como Lazaro da sua sepultura.

Gemidos, brados, prantos nada d'isso chega aos ouvidos dos homens que exercem o poder n'esta terra; nada d'isso os incommoda. Entretanto se eu fallasse com elles, dar-lhe-ia um conselho. Talvez o ouvissem, porque a minha voz é um pouco mais forte que a das velhas freiras. Era o de enviarem aqui sessenta soldados, formarem as monjas de Lorrão em linha no adro da igreja e mandarem-lhes dar tres descargas cerradas. Desapparecia a troco de poucos arrateis de polvora um grande escandalo, e resolvia-se affirmativamente um problema, a que nunca achei senão soluções negativas, o da utilidade da força armada n'este paiz.

Sim, isto era util; porque era atroz; porque era uma scena de cannibais; porque se gravava na mente dos homens; porque ficava na historia como um padrão maldicto, para instaurar no futuro o processo d'esta geração. Mas não era infame, não era covarde; não era o assassinio lento, obscuro, atraído, feito com a mordada na boca das victimas. Corria o sangue durante alguns minutos; não corria o suor da agonia durante annos.....

em baixo no prazo de um ou dois annos. Rides-vos? Oh! eu tambem me ria quando em 1869 me diziam d'estas; olhava para o meu exercito, encrava os meus francezes, attentava em minha fazenda imperial; e não me temia de nada. Mas bem depressa deu a hora do desenganço.

Não poderia caber igual sorte a todos vós? Pois hade caber á maior parte. Hoje somos, amanhã não: diz-se em geral dos viventes, mas deve dizer-se principalmente dos imperantes.

Cuida a gente de pouca memoria e pouco siso, que o Papa n'esta quadra labora em tristes condições, e que deu com a sua causa através. Porém nada a seu respeito recia quem é entendido.

Dizei muito embora que o Papado jaz enfermo, mas deveis acrescentar que esta enfermidade não é de morte, senão para gloria de Deus e de sua Igreja.

Ao contrario, quantos reinos e imperios não ha ahí tocados da derradeira doença! Mais tarde os vereis, quando fin dar a comedia ou tragedia que lá se representa. O homem siso reserva o seu parecer até ao fim da representação, até ver o panno descido. Os doídos sim, julgam pelo primeiro acto, ou pelo segundo, ou pelo terceiro.

Para mim acabou a scena, Deus me sentenciou, e o mundo póde agora julgarme. Ainda ha tres annos, ninguém proferiria sobre minha pessoa o juizo que hoje está sendo opinião universal.

Ah! quantas vezes, desde o dia 9 de Janeiro, tenho repetido: —Eu fui insensato! que insensato eu fui! —O bom Pio IX com o coração paternal, advertia-me que eu me havia de arrependr quando já não fosse tempo; e não lhe dei attenção. Agora de que serve o arrependimento! Oxalá, soberanos, que isto sirva sequer para desenganar vós!

Eu em 1863, quando lá propunha Paris para sede d'um Congresso traçado na minha fantasia, disse «a Europa via talvez um certo interesse em que uma capital, d'onde por tantas vezes se deu o signal das revoluções, viesse a ficar sede das conferencias destinadas para assentar a base d'uma pacificação geral.»

E agora, ó soberanos, digo-vos que eu, principal causa das revoluções que minam vossos thronos, procuro reparar o mal feito por mim com estes meus avisos salutares.

Desenganae-vos, emendae-vos; e não esperes abrir os olhos quando os cerrar a morte, como a mim me aconteceu. O Papa não precisa de vós, e pelo contrario vós tendes grande precisão do Papa e do Papado. Um Papa sem o imperador, e até com o imperador adverso, dura e triumpho tanto mais gloriosamente quanto é peor o inimigo. Um imperador sem Papa e contra o Papa acaba como Napoleão I ou como Napoleão III.

Ainda vós não bastam dois exemplos? Quereis outros mais? Pois haveis de ver outros ainda. E' o que vos certifica este

Vosso antigo irmão

LUIZ.

Deus revelado pela natureza.

O roncar do mar, o murmurar da fonte, que se desliza pelo chão do outeiro, o trinar das aves, o ondear do hosque testificam unanimes a existencia d'um Deus.

Quem foi que delineou ao regato, que mansamente se deixou pôr entre verdura, o seu correr fatal dos cimos para os baixos?

Quem foi que deu á rosa suas côres mimosas? Quem conserva esse oceano impetuoso sempre a rolar na mesma esfera?

Quem foi, pois, que deu á natureza tantos e tão preciosos dons e a sujeitou toda a leis inabalaveis? O impio se confundirá quando attento remontar á causa d'estes phenomenos. O atheu, levantando os olhos para essa abobada azulada, recuará seus tímidos pensamentos.

O girar da lua sempre na sua orbita, o movimento regular e insensível da terra, o scintillar das estrellas, que semeadas pelo ceo, alumiam a noite, são outras tantas testemunhas que ostentam as maravilhas do teu braço — o teu poder infinito, ó Deus!

Esta ordem contingente é um effeito, logo deve ter uma causa; mas essa causa hode ser infinita. Que ordem! que harmonia se observa em tudo quanto se vê e se sente!

Se se observa o universo, vê-se n'elle um aggregado de partes, distinctas umas das outras por natureza, mas vinculadas, todavia pelas relações de causa, effeito, meio e fim. Tudo, pois, na natureza patenteia um Deus Creador e regulador do universo; a avezinha bem o mostra tambem quando; chegado o tempo, fende os ares procurando nos choupaes a arvore que melhor se amolde para fazer allí seu ninho, em cuja construcção mostra a maior graça possível.

A abelha que com sua prudencia procura as petalas das flores, mostra no fabricar dos favos um segredo profundo, E' que cada ser teve o seu destino.

As tuas maravilhas são bem claras, ó Deus são razões suffcientes para refutar o atheu.

Se eu entro no pomar ali vejo o teu nome escripto; aqui está o damasqueiro, que com seu fruto vermelho reluz ao longe; ali a cydra odorifera, por toda a parte saborosas fructas variadas na cor e na casta.

Que delicias! que prazer! que sensações experimenta aquelle que contempla a tua magestosa obra!

José J. Fernandes.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

Por falta d'espaco não publicamos ha mais tempo a seguinte carta escripta de Barcelona á «Esperanza» de Madrid, em data de 12 do corrente, o que hoje fazemos para mostrarmos por ella aos nossos leitores o estado da força moral dos chefes e do exercito da nova republica hespanhola, já muito enfraquecida durante o governo do entruzo D. Amadeu.

Eil-a: «Snr. director da «Esperanza», meu querido amigo:

«Aturamos aqui os maiores males, e o peor ainda é que não tardará a funcionar o petroleo; é tudo um perfeito cahos; se ha autoridades, o que duvido, ninguém lhe obedece. O exercito, apezar de tudo o que tem dito a «Correspondencia» e outros periodicos, está de cada vez mais indisciplinado. Os soldados só prestam obediencia aos chefes, quando estes transigem com elles. Não depositam confiança no capitão general. A deputação provincial está dividida em tres fracções, uma de conservadores da republica e que querem obedecer ao governo até ás constituintes, porque é então que esperam a realidade da promessa proclamada até nas esquinas, da adopção da republica federal: os intransigentes não querem esperar; e a terceira fracção, que é a mais numerosa, são internacionalistas que pertencem a independencia da Catalunha e mais alguma coisa...»

No dia 2 abrimos-se os parques para se distribuirem as armas que havia, mas nem ao menos perguntaram o nome de quem as recibia.

No dia 9 apresentaram-se tres batalhões de socialistas e quatro republicanos conservadores; porém faltam cerca de 1.700 espingardas que se suppõem em poder de Savalls. A deputação pede o desarmamento dos tres primeiros batalhões, e o capitão general disse que era intempetiva a exigencia e tanto mais depois d'aquella lhe haver indisciplinado o exercito.

Os socialistas organisaram seu governo e autoridades. A deputação intransigente e a internacionalista quasi unidas, tem suas autoridades, seu ministro da guerra, etc.; todos mandam; ninguém obedece. Uns e outros tomam posições nos logares mais estrategicos: nos telegraphos, alfândega e banco, onde ha mais dos republicanos apenas estão 100 guardas civis. Na torre da cathedral está nm destacamento de artilheria.

Os soldados pedem com instancia os 8 reales diarios que a deputação lhes offereceu, e que esta não tem d'onde lhe venham: chegando os artilheiros de montanha a dizer que se lhes não pagam, hoje mesmo dissolveram a junta com 30 peças que tem; um chefe tentou apazigua-los, mas teve que fugir até Rambla, seguido de tres ou quatro que de macetes na mão o insultavam e ameaçavam. Os demais chefes não podem entrar no quartel, tendo sido nomeado coronel um artilheiro que ha pouco era sargento. A deputação tem querido lançar mão das caixas de um regimento, mas este esperando a visita d'armas na mão a obrigou a retirar-se. Apesar de que nas caixas ha insignificantes recursos, motivo porque, segundo dizem, os fornecedores se recusam a ministrar coisa alguma.

Hontem chegou Figueras, e a deputação estava em sessão esperando-o para n'ella tomar parte, porém creio que não foi lá ainda. O povo esperava ouvi-lo, parte para o applaudir, e parte para o arrastar caso não cumprisse suas promessas; não arengou por estar rouco.

O que causa estranheza é que nem um só papelucho se tenha afixado nas esquinas, quando até esta data se succediam de cinco em cinco minutos.

Andam muitos operarios pelas ruas, e mais espingardas que de ordinario. Deus nos valha. Entretanto, os carlistas trinnfiam. No encontro em que dizem Tallada foi victima, soffreram as tropas grande desfalque, e por consequencia, as columnas não se querem bater-se. Os chefes de um batalhão, em vista d'uma desordem tal, procuraram Figueras para lhe dizer que era impossivel continuar o commando. Deulhes razão, tanto mais por ter conhecimento de que os soldados tinham nomeado seu commandante um picador de cavallos. Nem mesmo os republicanos estão conformes.

A's nove da noite. Parece que o snr. Figueras não sabe ou não póde remover difficuldades. Os artilheiros trouxeram as peças para a rua; e em vez de obedecerem ao coronel o encerraram na prisão de Montjuich.

En fin, não nos comprehendemos. Osnr. Lagunero e o snr. Contreras, chegaram hoje com quatro carlistas prisioneiros, os quaes levaram ao quartel e lhes deram dinheiro para os apaziguar.

Isto é a verdade. Os jornalistas que dizem o contrario, que venham aqui vêr e fico seguro de que concordarão comigo.

Sou vosso etc.

Sierra de Anadia — No dia 16 do corrente um correspondente da «Esperanza» teve noticia da nova chegada a Salinas de Oro dos generaes Dorregaray e Ollo, ah! que indisciplinavel prazer senti ao descer do wagon, vendo com meus olhos o brilhante corpo de exercito que a bem compassado passo seguia segunda vez o nosso celebre caudilho com direcção a Abarzuza, em numero de 3:500! Além d'isso, com o mesmo rumo marchava pela serra um outro corpo composto de tres mil homens.

No dia 17 partiam para as Amézcoas levando consigo sete cargas de tabaco. Pena é que entre aquelles 6:500 bizarros combatentes fossem desarmados; não se duvide porém, que marchavam munidos de petrechos favoritos.

Junte-se á dita soma as partidas Zugasti, Rosa, Justo Aldea, Azcona, Guerra, Mendizal, Latasa, Iriarte, Navarro, Moso e D. Maximo, sem mesmo fallar nas dezeseite partidas que, segundo informações de D. Pepe Torrecilla chefe de estado maior de Ollo, haviam espalhado, desde as fronteiras, por toda a montanha, e calculem se podem a cifra de carlistas batentes que occupam a Navarra.

Levo a dedo todos os successos. Agora mesmo recebo, em forma de parte telegraphica, a authorizada noticia que abaixo segue:

«En Arizala receberam armas 200 recrutas, e 700 em Amézcoas. Quinze infantas e quatro cavallarias». Na acção de Monreal passou-se outro cavallaria. Tableau.

Teu affectuoso correligionario,

O Amante da verdade.

«La Iberia» publica varias cartas de seus correspondentes de Bayona, dando conta de certas noticias que não sabemos como se atreve a estampal-as um periodico que disputa os foros de seriedade.

Extractamos algumas das que nos parecem menos inverosimís, ainda que, principalmente julgamos a seguinte destituída de fundamento.

«Dando mais amplitude ás noticias de hontem sobre o ponto de residencia de D. Carlos, devo consignar que entrou por fim em Hespanha, e depois de ouvir Missa em Vera chegou até Elizondo, onde se propunha assistir á benção das bandeiras destinadas aos seus batalhões.

Para tal fim se concentraram as partidas que designei na minha carta anterior, e segundo informações que tenho, D. Carlos deverá ter assistido áquelle acto, conforme em ponto grande se fez retractar em Bayona, de coroa, sceptro e manto real. Acompanham o pretendente grande numero de conhecidos carlistas, entre os quaes figuram alguns titulares hespanhoes, varios legitimistas francezes e o general Cathelineau com um de seus filhos.

Depois dos festejos que por tal motivo se cre' haverá no quartel general, D. Carlos repassará de novo a fronteira esperando os acontecimentos, accedendo assim ás supplicas de Dorregaray.

Pela secretaria do duque de Madrid se dispoz de fundos e instrucções a varios enviados que aproveitando as circunstancias actuaes deben recrutar na provincia e até em Madrid quantos officiaes do exercito possam quer demittidos quer não, entregando-lhes no acto a somma precisa para as despesas da viagem, e um salvo conducto que lhes sirva de credencial de seu novo emprego quando cheguem ao ponto de sua apresentação.

Veja-se agora est'outra que converte em policia o periodico conservador.

«O pequeno vapor «Capricho», que procedente de passages com carga de sardinhas entrou no porto de Bayona no dia 16 d'este mez, e cujo capitão é um tal Amparan, deve fazer sua saída de um a outro momento, conduzindo á sombra de insignificantes objectos de commercio um grande numero de armas de diferentes systemas e uma boa partida de munições, que, se julga largará nas costas de Vizcaya. O despacho d'este contrabando effectuar-se-ha na noite precedente á sua partida por um individuo bem conhecido em Bayona.

A apparição da facção Delgado, antigo capitão procedente do Convenio de Vergara, que se realiso em Lerma (Burgo), é, segundo datos de boa fonte é a senha da generalisação do levantamento carlista naquella provincia, e de que ha dias dei noticia como imminente.

Diz «La Iberia»: «O cura Santa Cruz, com 600 homens, cobre a fronteira e se acha situado nas alturas de Urdax, por ter substituido o cabecilha Ventura Martinez.

A deputação foral á guerra da Guipuzcoa, cuja ida á Navarra annunciou na minha carta de 16, protegida pela facção Iturbe, dirigiu-se de novo á Guipuzcoa, escoltada pela mesma partida e levando

consigo as bandeiras para os batalhões carlistas d'aquella provincia.

«Confirma-se a noticia que dei aos nossos leitores da entrada de Gamundi na Hespanha pela fronteira franceza com direcção ao Aragão.

Diz «La Regeneracion» que o general Savalls foi nomeado commandante geral de Barcelona, sem contudo deixar o commando da provincia de Gerona.

A concentração d'ambos os cargos em pessoa tão authorizada é sem duvida pronuncio de planos importantes.

Vallés esteve no dia 19 com 500 homens em Obiol e entrou em Maspujols. Uma parte das forças de Quico cobrou no mesmo dia um trimestre de contribuições em Lillas. Em Reus tomaram-se precauções por causa da aproximação das partidas carlistas.

«Dizem-nos de Valladolid, que além dos 6 cadetes que marcharam para as fileiras carlistas de Navarra ha uma semana, foram ante-hontem outros 6

«Hontem houve grande discussão na assemblea sobre o bem estar e interesses dos povos: tratava-se de decidir se os deputados, representantes do povo hão, de receber 24:000 reales (1:056\$'00 reis) annualmente de soldo fixo, ou se hão de continuar como atéqui sem soldo, e somente com as gagesinhas da influencia, que sobem e descem á medida que esta sobe e desce. (Sam assim por toda a parte. Não lhe acudam á barriga, adeus patriotismo, como aqui entre nós).

Senhor dizia Talleyrand a Luiz XVIII ao redigir a maldadada carta, e ver que se não dava soldo aos deputados, olhe V. M. que vão custar muito caro.

Talleyrand não tinha razão; porque custam mais caro os que tem soldo; porque além do que custam sempre tem mais o soldo. Isto é mais um progresso; o povo trabalhador, productor e contribuinte deve estar cheio de satisfações ao ver que a republica se occupa d'elle.

Atégora, em um mez, tem augmentado de 150 a 200 milhões as despesas, e já se sabe de que coiros hão de sair estas correias. E deixem um pouco os taes deputados, e verão até onde chega o augmento.

Não basta á republica manter o exercito actual a despeito das suas promessas e das gritarias contra o recrutamento: não lhe basta os 48, ou 50 batalhões que quer criar: pede um novo recrutamento; e pede que se chame a reserva.

Que é feito cidadão Castellar d'aquellas eloquentes declarações a respeito dos escravos de uniforme? D'aquellas promessas de acabar com o orçamento da guerra?

Se se realisarem os projectos republicanos teremos 300 a 400:000 escravos de uniforme: filhos arrancados do peito amorofo de suas mães, braços perdidos para a agricultura e para a industria.

E o orçamento do ministerio da guerra, que a republica promettia abolir, subirá a mais 2:000 milhões, isto é, consumirá por si só tudo o que produz o paiz.

E isto quando já não ha carlistas em Hespanha, ou desapparecem como se vê nas participações dos generaes da republica de que nos falla a Gaceta.

Ainda bem que a tragedia sanguinolenta e a força ridicula estão já tocando no seu termo.

«Da Lucha de Gerona: «Asseguramos que tivera lugar em Mieras uma grande reunião de proprietarios da montanha para tratar de negocios carlistas, e que D. Alfonso de Bourbon estava ali á frente de 3:000 facciosos, outros dizem 5:000 com 4 peças d'artilheria.

«Do Imparcial: «Nada menos que 12 batalhões diziam a 13 que pedia o general Novillas ao governo para dominar a insurreição carlista das provincias do Norte, além d'uma grande somma em metalico.

«Da Esperanza: «Vimos uma carta de despedida d'um official do exercito da Catalunha nas vespas de sair com mais de 20 companheiros a unir-se aos carlistas.

«Confirma-se a noticia de que os carlistas conseguiram introduzir pela fronteira grande numero d'armas, fardamento e outros effeitos.

«Da Conviccion: «A's 8 e meia da manhã de 28 travou-se uma acção nas immediações de Ametllá entre 200 miqueletes e 150 cavallos lib-raes; com uma partida carlista; tendo os liberaes 8 cavallos mortos 7 feridos, 7 cavalleiros mortos, 10 feridos, e 5 miqueletes contusos: os carlistas tiveram 1 morto e 2 feridos.

«Da Esperanza: «Hontem chegaram a Madrid, vindos de Malaga 70 soldados dos dissolvidos batalhões d'Africa e la Reina, 2 chefes e 32 officiaes. A tropa que foi escoltada até Cordoba, por 2 companhias de voluntarios, saiu de Malaga em completo estado de demoralisação sem escutar a voz dos seus officiaes: na mesma situação saiu de Cordova no trem que saiu do dito ponto ás 4 da madrugada.

«Diz-se que os carlistas da provincia d'Orense receberam no dia 15 pela fronteira portugueza varios caixões d'espingardas, que foram conduzidos ás montanhas,

por onde vagavam alguns carlistas mal armados.

«A Prensa publica uma carta d'Henlaye de que tomamos os paragrafos seguintes:

«Todas as gargantas dos Pyreneos estão occupadas por carlistas armados, e acaba de apoderar-se do povo e aduana de Valcarlos o cabecilha Ventura Martinez, que pertence apoderar-se d'Irua.

«O posto aduaneiro de Arneguy tambem foi tomado pelos carlistas, que fizeram entrar os carabineiros na Franca, d'onde regressaram a Hespanha por Irua.

«D. Carlos ordenou que todos os carlistas dos depósitos d'interior de Franca, entrem em Hespanha até o dia 20 de Março corrente, sob pena de perdimento de seus postos e empregos.

«Junto de Liboure ha 4 pequenos canhões d'aço para passarem a fronteira quando sejam pedidos por Dorregaray, que não esteve na acção de Monreal, nem tão pouco a força do seu commando.

«A' ultima hora, acabam de apoderar-se os carlistas da aduana de Landivar, junto de Urdax, encarregando-se um tal Ibirio com 40 homens armados.

«Do Tiempo: «A reconcentração das forças carlistas da Navarra foi para proteger a entrada d'um comboio de 6:000 espingardas e 4 peças d'artilheria.

«Ultima hora da «Esperanza» — Sabam que orgão de d'Israeli, o Standard, considera como inevitavel o triunfo de D. Carlos. O seu correspondente diz, que a Hespanha, na sua maioria é carlista, e faz tambem justiça ao exercito legitimista considerando como calumnioso tudo o que em desprestigio de seus voluntarios se tem dito por parte dos seus inimigos.

Resulta do que diz a imprensa estrangeira, que tanto a russia, como os imperadores da Russia e Austria prestaram um poderoso apoio a M. Thiers para a feliz terminação do tratado de evacuação do territorio francez pelos allemães.

«Da «Correspondencia»: «Segundo escrevem de S. Jean de la Luz, os carlistas tem na fronteira 1 bateria de artilheria de montanha que compraram em Bruxellas.

Madrid 21 de Março. — Da «Correspondencia»: «Acabam de passar-se 4 officiaes de cavallaria do exercito para os carlistas que foram os snrs. Ourviki, filho da infante D. Jozefa de Bourbon, Ortigoza e outros dois.

«Escrevem em 16 de Março de Barcelona á «Epoca»: «No dia 14 estava Saballs tranquillamente no valle de Rivas em uma propriedade do snr. Heinrich, sendo recebido por um architecto que dirige as obras. Saballs apresentou-o a D. Alfonso de Bourbon e a sua Esposa que o receberam com muita amabilidade.

Foi depois mostrar-lhe a escolta, que se compunha de mais de 1:000 homens, e 150 zuaivos pontificos com o uniforme de que usavam em Roma, todos com boas espingardas Remington; e levavam 2 peças de artilheria d'aço do systema Krupp, que Saballs mostrou detidamente ao architecto. Carregam pela recamara, e vão bem montadas, e commandadas por um antigo official de artilheria.

«Quem salverá a Hespanha perguntado o «Gobierno», depois de fazer uma pintura tetrica da Hespanha republicana? Responde a «Esperanza», que só D. Carlos por quem já combatem hoje mais de 20:000 hespanhoes armados; e que é a unica solução possível.

«Do «Imparcial»: O cabecilla Cucala á frente de 300 homens entrou em Benicarló na manhã de 20. Saiu a perseguil-o a columna Padin.

«Os carlistas estão organisando batalhões, esquadroes e baterias de artilheria em S. Quirce, Mieras, e Tosos dos Pyreneos. Saballs tem organizado as partidas de modo, que em 6 horas póde reunir 3:000 infantas, uns 300 cavallos e 4 peças de artilheria de montanha: Gu e Galeran uns 2:000 infantas e 250 cavallos, na de Barcelona; e entre as de Llerida e Tarragona outros 3:000 homens e 300 cavallos—total 8:000 infantas; e 850 cavallos.

«Da «Iberia»: «Dizia-se em alguns circulos que o general Novillas, substituirá o general Contreras, que deixa a Catalunha sendo outra vez substituido no Norte pelo general Pavía.

SECCÃO NOTICIOSA

A Patria. — Com este titulo saiu, em Lisboa, um jornal cujo programma é defender a legitimidade e o catholicismo.

O seu primeiro numero tem artigos bem escriptos, e está bem redigido.

Desejamos que o novo collega da imprensa satisfaça, como esperamos, o que promete no seu primeiro numero.

Agradecemos o pedido que nos fez para trocarmos com elle; faremol-o e aqui satisfaremos ao favor que o collega nos pede deixando indicado o logar e preço da assignatura

Assigna-se em Lisboa — travessa da Victoria n.º 42 — 2.º; preço, por trimestre, 600 rs.

Bandeiras da França. — Não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever o que a respeito da origem das bandeiras de França, disse o «Boletim do Clero e do Professorado»:

A capa de S. Martinho, bispo de Tours, foi o primeiro pendão que os reis de França fizeram levar diante de si, quando marchavam aos combates, e tornou-se em estandarte nacional durante o reinado dos príncipes da segunda dynastia. Ella não servia sómente de um signal de reunião, mas era também olhada como um penhor da victoria, como uma santa reliquia, que devia espallar o terror entre os inimigos, e inflamar a coragem dos francezes. Esta capa de S. Martinho, assim transformada em estandarte, era apenas uma parte do manto do illustre bispo, da mesma maneira que a bandeira nacional da Turquia, o estandarte sagrado do profeta, não é mais que metade do roupão que Maoma usava nas grandes solemnidades. O honroso privilegio de possuir e guardar esta bandeira veneranda, pertencia aos condes de Anjou, em virtude do seu cargo de grão senescal do reino; e grandes pompas militares e religiosas indicavam a sua chegada ao meio do exercito. Quando a campanha terminava, era a insignia depositada com grande aparato n'uma capella dedicada a S. Martinho no castello de Anjou, e confiada á vigilancia dos padres.

Durante o reinado dos reis da terceira dynastia, a capa de S. Martinho ficou quasi de todo esquecida na sua capella, e a devoção publica se voltou mais para S. Diniz, que a França invocava também como um dos seus celestes patronos. A abadia de S. Diniz tinha por insignia particular uma especie de bandeira, que nesse tempo se chamava pendão, cortada de maneira que formava tres pontas. Era feita de seda cor de oiro e de fogo, e em cada uma de suas tres pontas havia uma grande borla de seda verde; estava segura a uma comprida haste doirada terminando em lança pontegada, não tinha nem figura, nem outra alguma bordadura que a decorasse. Esta bandeira era a gloriosa oriflamma, que cerca uma tão brilhante celebridade, segundo os annos francezes; e a descripção que acabamos de fazer, é a traducção litteral de alguns versos que compoz um poeta em seu louvor no seculo 14.^o

Os monges de S. Diniz desenvolviam este estandarte, e com elle percorriam algumas parochias em procissão, todas as vezes que se lhes atacavam ou contestavam os privilegios e direitos da sua abadia; e como, segundo a opinião geral, a oriflamma havia sido directamente enviada do céo no momento da sagração do rei Clodoveo pelo bispo S. Rimigio, a sua presença era um argumento incontestavel a favor de seus possuidores. A alta consideração que gozava este estandarte, e também a immensa auctoridade que tinha a abadia de S. Diniz, na qual a mesma capital reconhecia uma especie de senhorio particular, determinaram os reis de França a adoptar a oriflamma por bandeira nacional. Luiz 6.^o foi o primeiro, que a mandou levar á frente dos seus exercitos no anno de 1124, e desde então ella foi muitas vezes arvorada, tanto nos dias de calamidade, como nos de gloria. Luiz VII, e S. Luiz a levaram á Terra Santa; Philippe Augusto arvorou-a no campo da batalha de Bouvines; mas em Poitiers, e Azincourt, a presença da oriflamma não impediu a derrota dos francezes. Em quanto os condes de Vexin foram vassallos direitos da abadia de S. Diniz, a honra de levar a oriflamma lhe pertenceu; e foi sob o titulo de conde de Vexin, que Luiz XI obteve dos monges o privilegio de levar a sua bandeira sagrada. Como o Vexin foi reunido á corôa, o direito de nomear o porta-bandeira ficou pertencendo ao rei. Só o mais valente podia pretender aquelle cargo; e a bandeira santa lhe não era confiada senão depois de haver recebido a communhão, e de ter jurado defender seu precioso deposito até á morte.

Depois do rei de França ter ido, em grande apparato, mas com todas as demonstrações de profunda humildade, receber em S. Diniz a oriflamma das mãos do abbede, elle a entregava ao alleresmôr, que a não devia mais deixar. Este desprendia a bandeira da haste, e a lançava a tiracollo; e era só no momento em que a batalha começava a ferir-se, que a oriflamma atada de novo á sua haste, se elevava ao alto fluctuando nos ares. A' volta da campanha era o proprio rei que ia entregar nas mãos do abbede a oriflamma, a qual tomava no thesouro o lugar de honra entre as reliquias mais veneradas, até ao momento em que algum grande perigo nacional vinha novamente ameaçar a França. Mas só era nas crises mais graves que se arvorava a verdadeira oriflamma: nas occasiões de menor monta contentavam-se de a substituir por outra bandeira feita pelo mesmo modello.

Independente da oriflamma, os reis de França tinham de propriedade, e arvoravam nos campos de batalha um pequeno estandarte branco, semeado de flores de liz de oiro, e denominado a cruz-

branca. Na batalha de Bouvines, o estandarte da cruz-branca, e a oriflamma foram arvorados ao mesmo tempo, e um depois do outro. Da mesma maneira que a capa de S. Martinho, a oriflamma foi insensivelmente perdendo o seu crédito, e á medida que a auctoridade do rei recebia maior desenvolvimento, a cruz-branca de pendão real tornou-se bandeira nacional. Mas ella só foi aceita como tal no reinado de Carlos VII: e tomou então o sobrenome de *bandeira-branca*, e soffreu também algumas mudanças na sua forma; as flores de liz desapareceram; e a bandeira ficou reduzida a uma faixa de seda inteiramente branca.—«A candura e brancura convenientes aos costumes francezes, foi por elles escolhida para bandeira»; diz um antigo historiador. Depois d'esta época, até á adopção da bandeira tricolor, o estandarte nacional não mudou de cor; mas só foi decorado de um brazão com flores de liz.

EXPEDIENTE

ADVERTENCIA

O escriptorio da redacção e administração d'este jornal já não é na rua do Souto, n.º 41, mas sim na Travessa de S. João n.º 10. Toda a correspondencia, pois, relativa á redacção e á administração deve ser dirigida para alli, aonde se achará sempre aberto o escriptorio e presente um empregado

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.^o sr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.^o sr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.^o sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Em Vianna, Francisco José d'Araujo Junior, rua de D. Luiz.

Em Mondim de Basto o ill.^o sr. João Baptista da Silva Ramos.

Na Covilhã, o ill.^o sr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Lamego, o ill.^o sr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio Travessa de S. João n.º 10.

AGRADECIMENTOS

Manoel Ignacio da Silva Braga, muito grato aos seus amigos que o cumprimentaram e prestaram serviços por occasião do fallecimento do seu innocente filho Ezequiel, vem por este meio testemunhar-lhes o seu vivo reconhecimento e pedir desculpa de não agradecer pessoalmente.

D. Maria Joaquina da Silva Duarte, José Duarte Coelho Cerqueira, D. Maria das Dóres da Silva Coelho Cerqueira, e Jacintho de Magalhães Barros d'Araujo Queiroz, agradecem por este meio, em quanto o não fazem pessoalmente, a todas as pessoas que se dignaram visitá-los por occasião do fallecimento de sua prexada neta e filha, e bem assim ás que assistiram aos responsos de gloria, que por alma da mesma tiveram lugar na capella de S. Sebastião das Carvalheiras, no dia 13 do corrente. (98).

Antonio José Antunes Reis, vem por este meio, pelo não poder fazer pessoalmente, agradecer aos seus amigos e a todas as pessoas em geral, que o cumprimentaram e a sua familia, tomando parte no seu justo sentimento por occasião do fallecimento de sua presadíssima mãe, cujo funeral teve lugar no dia 16 do corrente mez de Fevereiro na capella do cemiterio d'esta cidade.

ANNUNCIOS

N. B.—A datar de hoje bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozer-a no forno antes de embala-la, o que lhe dá uma cor escura, e um gosto muito melhorado.

Contra a immensa mortalidade das creanças de tenra idade, 60:000 em França, e 80 000 em Inglaterra, a sciencia medica nunca conseguiu por um remedio efficaç, e nada ha que extranhar n'isto, uma vez que as drogas não podem deixar de augmentar a fraqueza e a força vital da digestão e da nutrição. Foi reservado á *Revelescière du Barry* de Londres, resolver o problema de restaurar os órgãos da digestão, crear novo sangue, musculos e ossos, e curar o systema glandular, sem força nem irritação, mas de modo perfeitamente natural.

Por isso temos provas abundantes da sua influencia saudavel nas obras do celebre doutor Routh, presidente do hospital das creanças em Londres, que encontrou na *Revelescière* o meio de resuscitar as forças vitas e a digestão das creanças, que não podiam digerir e que vomitavam tudo, padecendo ao mesmo tempo de diarrheã, espasmo, caimbras, e morrendo a pouco e pouco.

Os incalculaveis beneficios proporcionados por este delicioso alimento ás creanças fracas dos Estados-Unidos, mereceram-lhe um premio na exposição universal de Nova-York.

Poderiamos acrescentar milhares de curas da diarrheã, bronchites, tosse, tísica, caimbras, espasmos e rachitis, demonstrando o beneficio incalculavel d'este precioso alimento salvador, não só para as creanças como também para os adultos. BARRY DU BARRY & C.^a, praça Vendôme, 26, Paris.—Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 réis; 1/2 kil. 800 réis; 1 kil. 1\$400 réis; 2 1/2 kil. 3\$200 réis; 6 kil. 6\$400 réis; 12 kil. 12\$800 réis.

A *Revelescière* chocolatada do Barry, em pó, privilegiada por sua magistade a rainha de Inglaterra, pelos mesmos preços.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm. Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Bahia, Viuva Desire Rahir, rua de Cedofeita 92, J. R. de Sequeira, rua da Banheira 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, laigo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Afonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

«Os boticarios, droguistas, merceiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Snrs. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.» Deposito em Pernambuco: Ferreira, Maia & C.^a, rua Duque de Caxias. (E)

Arrematação judicial.

No dia 30 do corrente mez de Março, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca de Braga, se tem de proceder á arrematação da leira denominada da Matinha, situada na freguezia de Crespos, que se acha avaliada na quantia de 36\$000 réis, penhorada a Francisco Antonio Rodrigues Ferreira, e mulher da mesma freguezia de Crespos, na execução que lhes movem o provedor e mesarios da real irmandade da Misericordia, desta cidade, e administradores do Hospital de S. Marcos, desta mesma. — Escrivão-ajudante Esmeriz.

O solicitador,

Bernardo da Cunha Pinto Barboza. (99)

Editos de 10 dias.

Pelo juizo de direito desta comarca e cartorio do escrivão José Joaquim Penha Fortuna, correm editos de 10 dias, a citar todos os credores que se julgarem com algum direito á quantia de 20\$000 réis, penhorados a Maria Ferreira, viuva, enfermeira no Hospital de S. Marcos, desta cidade, na execução que lhe move Manoel José de Faria, negociante, desta mesma.

O lançamento dos 10 dias, é no dia 27 do corrente.

Braga 15 de Março de 1873.

O solicitador,

Manoel Joaquim Antunes. (100)

LIVRARIA

DE

EUGENIO CHARDRON

- Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 1\$400
 - Genio do Christianismo, 2 vol. 1\$500
 - Cardéal Wissemann - Fabiola ou a Egreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. 1\$500
 - Roquette - Sermões em honra de N. Senhora, 1 vol. 1\$200
 - Roquette - Homelias e Sermões . . . 1\$800
 - Guilloy - Explicação litteral e moral das Epistolas e evangelhos, 2 vol. 1\$500
 - Veuillot - Vida de Jesus Christo 1. vol. 400
 - Padre Marchal - A mulher como deveria ser-o, 1 vol. 400
 - Padre Gaume - Onde estamos? 1 vol. 500
 - Vozes propheticas, ou Apparções e predições etc., tracção do Rvd.^o P.^o Marnoco, 1. vol. 250
- Todos estes livros são remettidos francos pelo correio.

BRADOS D'ALMA

Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura POR

CUSTODIO VELLOSO

Preço..... 500 réis

(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA

POR

Carlos José Caldeira.

Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro Irmão.

Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia—Estudante em Sernache do Bom Jardim—Administrando os negocios publicos na terra do seu nascimento—Estudante na Universidade—Secretario do bispo de Braga—Deão e vigário geral em Leiria—Superior do collegio das Missões—Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior—Crise no collegio das Missões Ultramarinas—Bispo eleito e confirmado de Macau—Sagração do bispo d'Angra—Character do bispo d'Angra.

Tem um aditamento dividido em 4 capitulos com as rubricas: Analyse do regulatorio que procede o decreto de 21 de setembro de 1870 (que reorganizou o seminario de Macau)—Analyse do mesmo decreto—Effeitos do novo regulamento do Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua do Ouro; Catholica, rua dos capelistas; Mesquita, em Coimbra; Catholica no Porto, e nas principaes de Braga, Bragança, Leiria e Guimarães.

Vendem-se tres moradas de casas, sitas, uma na rua de Santa Margarida, com o n.º 2, proxima á ultima escada da Guadalupe, terrea, com duas portas e uma janella; outra, de dois andares, e janellas envidraçadas, na rua de traz da igreja de S. Thiago, com o n.º 10; e a ultima no largo de Nossa Senhora A Branca, arruinada, com o n.º 19. Quem as pretender, pôde tratar com Antonio Ignacio Marques, morador no Campo de Sant'Anna, desta cidade. (97)

O MILAGRE

E

A CRITICA MODERNA

OU

A INMACULADA CONCEIÇÃO DE LOURDES

Opusculo offerecido á Associação Catholica Portuense

PELO

P.^o José Joaquim S. Freitas.

O producto da venda d'esto opusculo foi applicado e offerecido por seu auctor para as despesas do Monumento da Immaculada Conceição, que se está construindo no monte Sameiro, suburbios de Braga.

Vende-se em Braga em casa do sr. D. J. Vieira Machado, Praça Municipal (Campo dos Touros), n.º 17, a quem se podem fazer as requisições que os pertendentes quizerem; os snrs. livreiros que desejarem porção, com dinheiro á vista, terão abatimento de 15 por cento.

Nas livrarias Catholicas de Braga, Lisboa e Porto, e nas principaes terras do reino. Preço em broxura 400 com estampa da gruta. 460

IMPERIO DO BRAZIL

Preço por assignatura, encadernado 2\$000 réis.

Rio de Janeiro, ao cuidado dos snrs. Jacintho A. Pinto da Silva Junior, rua

Nova do Ouvidor, n. 25, (casa do sr. Pereira Braga) e Antonio Alves Matheus, rua da Quitanda, n. 177. — Em Pelotas (Rio Grande do Sul) ao cuidado do sr. José Antonio Gonçalves Rodrigues.

BIOGRAPHIA

DO

SUMMO PONTIFICE

PIO IX.

Extrahida do Periodico La Stella

E

TRADUZIDA POR

J. A. V. S.

Vende-se em Braga na rua Nova de Sousa n.º 3—E, e nas livrarias, Catholica, rua do Souto, Germano, Bracarense e Chardron. — No Porto Lisboa e principaes terras.

Preço. 120 rs.

OS DIFFAMADORES DO CLERO CATHOLICO

PELO

Abbede Tounissoux

Traduzido por A. M.

Preço 200 rs.

A' venda na Livraria Internacional de Eugenio Chardron, Largo de S. Francisco n.º 4, Braga.

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

E

OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Igreja — seus triumphos — castigos dos seus inimigos,

POR

D. MIGUEL SOTTO MAYOR

(Porte inferi non praevalent adversus eam.

MATH. XVI, 18.)

Sob este titulo vae brevemente sahir á luz um livro, no qual se historiam as crises mais perigosas, por que tem passado a Igreja de Jesus Christo, e se demonstra como, no decurso de 19 seculos, não tem deixado de patentear-se a divina protecção promettida á mesma Egrela pelo seu Fundador: — *E as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

Mostra-se mais, á luz da historia, que se os inimigos perseguidores da Igreja jámais têm ficado impunes, especialmente aquelles, que tem exercido as suas violencias na pessoa dos successores de S. Pedro, os Pontifices Romanos.

Nos tempos perigosos e difficeis, que vamos atravessando, a leitura d'esta obra será de algum proveito, para fortalecer os tibios, alentar os fortes, e lembrar aos que abuzam do seu poder e auctoridade em detrimento dos direitos da Igreja, que algum dia soará para elles a hora da divina justiça, como tem soado sempre para os perseguidores contumazes da Espoza do Cordeiro.

Esperamos pois que o publico protegerá uma publicação, cujo é prestar um serviço á causa da Religião que é também (e agora mais do que nunca) a causa da sociedade.

As pessoas que desejarem obter este excellente livro, que será impresso em bom typo e optimo papel pela diminuta quantia de 400 réis queiram assignar no presente prospecto e devolvê-o depois á livraria do editor Jacintho A. Pinto da Silva, rua do Almada n. 134 a 136, no Porto, onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.

Tambem se recebem assignaturas nas seguintes localidades:

Em Lisboa, na Livraria Catholica, José A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino, Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga, Livraria Catholica. — Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Marianno Machado,

PORTUGAL

NA SUA DECADENCIA

OBSERVAÇÕES POR

Um Amigo da Patria

E DADO A LUZ POR

L. F. de Castro Soromenho.

Vende-se por 120 em Lisboa na rua da Condessa n.º 58, 1.º andar.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1872